



PROCESSOS DE SOCIABILIDADES NA CONSTRUÇÃO DAS VESTIMENTAS DO GRUPO TEATRAL DESENCANTO

Nélia Cristina Pinheiro Finotti¹ * (PQ)
Mary Anne Vieira Silva²

Resumo: A presente proposta de investigação centra-se nas discussões sobre os processos de sociabilidades na construção das vestimentas do Grupo Teatral Desencanto. A relevância da pesquisa situa-se na perspectiva de fomentar reflexões que contribuam para uma melhor compreensão das representações culturais do referido grupo. Este grupo iniciou suas atividades no ano de 1988, deste período o grupo organiza os principais movimentos culturais da referida cidade, promovendo culturalmente o estado de Goiás em níveis regional, nacional e internacional. O grupo trabalha com várias questões sociais, em que envolve a comunidade trindadense, seja, nos processos de construção das vestimentas, seja, nas formações culturais, seja, na qualificação profissional para o mercado de trabalho. Diante disso tem-se como objetivo analisar os aspectos de sociabilidades na construção das vestimentas, para atingi-lo contou-se como procedimentos da pesquisa bibliográfica descritiva com abordagem qualitativa, por meio de levantamentos das imagens históricas dessas vestimentas produzidas pelo grupo. Dentre o questionamento central destacamos: como são desenvolvidas as redes de sociabilidades que envolvem as etapas de produção das vestimentas? Ao final da pesquisa poderemos ter um panorama da atuação desse grupo na cidade de Trindade/Go.

Palavras-chave: Sociabilidade. Vestimentas. Grupo Desencanto.

Introdução

Para a construção do texto tem-se o objetivo de analisar os aspectos de sociabilidades na construção das vestimentas do Grupo Teatral Desencanto. As vestimentas são os bens culturais que representam o Grupo durante a organização e participação nas festividades regionais. A produção de vestimentas e estilos são formas multiplurais do campo das artes (teatro, dança, desfiles e outros). A construção desses bens pelo grupo revela-se por suas estéticas singulares e diversificadas.

Dentre as múltiplas atuações do grupo, com relação as vestimentas, fizemos um recorte -a Caminhada da Fé (encenação da vida, paixão e morte de Jesus) e o carnaval de rua. Entendemos que tanto na Caminhada quanto no Carnaval, as vestimentas produzidas constituem-se como bens culturais que se revelam por simbologias sagradas ligadas a fé cristã e também aquelas vinculadas a festa pagã, o carnaval. Além da produção dos símbolos imagéticos presentes nas vestimentas,

1 Nélia FINOTTI. Mestranda no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Universidade Estadual de Goiás(UEG). Docente na Universidade Estadual de Goiás(UEG). neliaueg@gmail.com.

² Mary SILVA. Docente no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Universidade Estadual de Goiás(UEG) - BIP UEG.



as roupas tornam-se elementos artísticos e estéticos. As vestimentas criadas pelo grupo ultrapassam os conceitos de moda, roupas, artefatos e cenários, e assumem os sentidos de identidades do grupo.

Em Trindade, via o Teatro, o grupo cultural Desencanto produz seus cenários polissêmicos, por meio de uma linguagem da arte e da criação de variadas representações cultural-estéticas. As roupas, os adereços e outros, formam os estilos culturais de um lugar de uma época, singulares e permitem a construção de identidades plurais em Trindade- GO.

Em pesquisa *in loco*, podemos observar que o Grupo Desencanto possui um acervo de obras de arte, objetos, cenários, recursos cênicos e estrutura organizacional inigualável que foi construída ao longo de anos de trabalho. Atualmente, o Grupo se engaja pela construção de sua sede própria e criação da Fundação Cultural, com um espaço concebido e estruturado para o desenvolvimento adequado das atividades.

Durante a festa do Carnaval de Trindade o grupo Desencanto é representado pela Escola de Samba Acadêmicos de Trindade. A cada ano é desenvolvido um tema, que dá origem ao Samba Enredo. Dividida em diversas alas, traduz a mensagem para os espectadores em carros alegóricos, fantasias, enfeites e adornos com muito brilho e beleza, sempre considerando a preocupação estética e temática.

A escola, por meio dos artistas cria enredos ricos em detalhes, em que bordadeiras, escultores, bailarinas, figurinista, etc, abroham um toque especial na avenida, tornando um evento de arte e cultura. Apresenta um carnaval criativo, que entre brilho e as cores envolve, os tambores, passos e compassos do samba constroem uma rede de simbologia representativa local.

Ao falar de simbologia, D'Matta (1997) descreve o Carnaval como ritos nacionais, fundada na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade. "O rito da assas ao plano social e inventa, talvez, sua mais profunda realidade" (D'MATTA, 1997, p. 31). O carnaval de Trindade faz parte da identidade regional, sendo que através do dourado e vermelho



predominantes, ou seja, a cor da escola, nasce o estilo que representa identidades e as culturas em (trans)formação.

A criação e produção dos estilos requerem um processo que possa distinguir algumas bases conceituais que dão a originalidade aos estilos de vestimentas presentes em cada festa organizada e representada pelo grupo Desencanto. Para Braga (2006, p. 15),

estilo viria a ser uma certa identidade visual fundamentada em valores estéticos e caracterizada por uma maneira específica de combinações de formas, volumes, cores, padrões e, obviamente, de elementos decorativos de uma determinada época, cultura ou mesmo individualmente.

Para tanto, infere-se sobre as concepções de moda, estilo e vestuário, em uma dada construção de expressão cultural, onde todo o sistema envolvido na elaboração das vestimentas pelo grupo é agregada de conceitos, significados compreendidos por alguns e questionados por outros e como descreve Eco (1989, p. 7) “moda é comunicação”.

Diante dessa máxima de Eco (1989) constata-se que a moda é compreendida como cultura. A partir dessa perspectiva ela permite e legitima formas de comunicação, relacionada como uma expressão de uma sociedade em um determinado tempo e das formas de criatividade humana (Wagner, 2010). Assim, como as diversas esferas da cultura, a moda ou se fazer vestir, é uma das formas de expressão legítima e espontâneas de um povo. Ela reflete nosso tempo, nossos valores e nossos desejos. E, nesses tempos conectados tecnologicamente, mais que uma imposição de mercado, a moda é a manifestação democrática de como se pensa age a sociedade, transformando-se em uma identidade de um povo.

Para Hall (2006), a constituição da identidade acontece na relação com as pessoas que mediam os valores, sentidos e símbolos, ou seja a cultura que o ser humano reinventa (Wagner, 2010). A identidade é, portanto, formada na interação do sujeito com a sociedade num diálogo contínuo com o mundo. O sujeito nesta relação projeta-se e internaliza imagens e símbolos que irão constituir sua identidade numa relação dinâmica e constante. Nesse panorama cultural, a moda pode ser definida como sendo uma forma de expressão, tendo a função de exprimir sentimentos, ideologias, críticas, entre outros; de forma geral, a moda assume um



papel comunicativo de teor estritamente subjetivo, mas também mercadológico. De acordo com Palomino (2003, p.14) “moda é um sistema que acompanha o vestuário e o tempo, [...]em um contexto maior, político, social, sociológico”.

Joffily (1991 apud TREPTOW, 1999 p.27) descreve que a moda pode ser compreendida como, “um fenômeno social ou cultural, de caráter mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social”.

Portanto é possível entender que a moda busca expressar um padrão diante das classes sociais e das épocas sendo considerada então efêmera e com o objetivo de dividir ou unificar ideias e comportamentos. Seu maior expositor pode ser considerado como sendo o vestuário, pois ele está ligado ao homem desde o início da vida, desta maneira é necessário entender como o vestuário se tornou tão íntimo do homem e como a moda ganhou força dentro de sua história.

Treptow (1999, p. 19), questiona “o que a roupa reflete sobre a cultura de um povo? Porque nos vestimos diferente de nossos antepassados? Como a sociedade se retrata através da roupa?” Podemos observar como descreve Pezzolo (2009) a moda documenta períodos históricos, dessa forma é compreensível que seja influenciada por acontecimentos políticos, sociais, culturais, artísticas, industriais, esportivas e afins, sendo notório compreender a moda como reflexo de populações, trazendo uma releitura do passado.

Sobre a concepção de vestuário entende-se que esse varia em diferentes partes do mundo, e essa diferença ocorre porque os indivíduos usam-no por motivos distintos, utilizam materiais e técnicas variadas em sua confecção seguindo padrões diversos de tradições de vestuário. Diante desse cenário, o vestuário, utilizado como fusão entre o corpo e a cultura, tem diversas funções cujas origens são complexas. É notável que os acontecimentos históricos refletem na maneira de vestir das pessoas; ou, seja, as fases vividas pelo homem influenciam suas vestimentas.

O vestuário passou por longas transformações e adaptações, que ao longo do tempo, as técnicas para utilizar as peles de animais foram aprimoradas, chegando até a descoberta da fibra, na qual, começou a desenvolver o vestuário mais elaborado. Nesta época, o uso de materiais diversos, fez com que a vestimenta



ganhasse um valor estético e simbólico dentro das civilizações, os modelos foram mudando de comprimento, alguns mais adornados e outros mais simplificados. Portanto, o vestuário por ser íntimo ao homem e estar estritamente ligado as suas necessidades, tornou-se um meio de comunicação de grande impacto na vida das pessoas. (LAVIER, 1989)

Para tanto torna-se necessário pontuar que moda colocada como arte é um tema que vem sendo levantado há algum tempo, nesse mesmo posicionamento Hollander (1996 apud SHULTE, 2002) coaduna que: moda é uma arte moderna, pois suas mudanças formais ilustram a ideia de um processo em movimento, como outras formas de arte moderna têm feito; ela sempre é uma representação. Com isso a moda faz a sua própria sequência de imagens criativas em seu meio formal particular, o qual tem a sua história específica, ela não cria simplesmente um espelho visual direto dos fatos culturais.

De acordo com Pizza (2010 apud PEZZOLO, 2013, p. 11) “há sempre de se levar em conta colagem de aprendizados e rupturas, não um arquivo morto”. Diante disso, a Moda forma uma arte sequencial, uma projeção emblemática da vida, um análogo visual do tipo experiência comum que se baseia nos fatos sociais, sempre fluindo através dos tempos. Assim é possível dizer que o Grupo Desencanto, representa estas características próprias de figurino pois trabalha em um contexto artístico em seu processo criativo. De acordo com Oliveira; Castilho (2008, p.207),

vale ressaltar que a moda serve como subsídios para a construção de um figurino, já que como crônica diária de representação dos corpos na vida social pode fomentar e subsidiar a codificação do figurino em um contexto narrativo artístico ou cultural com tempos e espaços determinados.

Chama-se a atenção para este tipo de manifestação as multiplicidades da moda em um contexto geral, em um contexto cultural ela ganhar proporções graças ao auxílio das novas tecnologias e de uma “cultura midiática” (LIPOVETSKY, 1989). O vestuário fora do seu uso cotidiano pode receber vários adjetivos, porém não pode ser considerado como algo insignificante ou meramente inocente, pois nunca estará sozinho, trazendo consigo, objetivos a serem atingidos. Segundo as épocas e seu intérprete - artista ou estilista- será tanto a expressão de uma ideia quanto a crítica de uma sociedade. (MÜLLER, 2000)



A moda tem uma representação estética, cultural, sendo ela direcionada para um fenômeno sociológico universal. Como descreve Godart (2010) a moda pelo fato de emergir de tensões no cerne da dinâmica social, ela contribui para a solução, tornando-se uma força “matriz”, por meio da qual podemos compreender os fatos sociais, em vez de vê-la como um epifenômeno superficial do vestuário. Podemos observar que há um empoderamento do indivíduo ao estar inserido na sociedade por meio da vestimenta, seja ela uma alegoria, um figurino ou um look que o alavanque diante do grupo que está inserido.

Nesta perspectiva Svendsen (2010), relata que estamos na esfera da moda, somos estimulados por um fluxo constante do novo, estamos tentando expressar nossa própria individualidade, mas há um paradoxo, pois em sua maioria conseguimos expressar apenas uma impessoalidade abstrata.

Ao complementar com dados práticos sobre o grupo Desencanto, as cores representadas pelo grupo, comumente são cores vivas; e os tecidos mais leves. Podemos verificar uma dicotomia da época em que passa a história da Paixão de Cristo, os tecidos eram mais rústicos e pesados, as cores eram mais pasteis ou cruas. As cores vivas eram utilizadas pela nobreza.

Esses dados são justificados pelo Diretor Amarildo Jacinto, onde ele diz que “as cores e os materiais são voltados para a regionalidade do cerrado, onde o clima é quente, sendo necessário materiais mais leves”. Diante disso, constata-se que as cores seguem uma simbologia, sendo as mais fortes como vermelho e o dourado, representando cores da fé, o vermelho remete ao sangue de Cristo e o dourado é atributo do divino. O Grupo Desencanto utiliza bastante essas duas cores porque fazem referência à fé. De acordo com Heller (2012), o simbolismo do vermelho está marcado por duas vivências elementares: o vermelho é o fogo é o sangue.

Podemos observar o simbolismo e os ritos apresentados nas vestimentas do grupo principalmente na caminhada da fé, onde representam os símbolos judaicos, como estrela de Davi, etc. Como signos ligam-se aos tipos de: criação, formas, linhas, silhuetas, modelagens, aviamentos, tecidos, cores, superfícies bordadas e por fim as peças pilotos. Estes são representados e destacados por Kozel (2009)



como são construídos por intermédio das imagens, dos sons, das formas, odores, sabores e cores.

É notável que os figurinos representados pelo grupo, estão em conformidade com o discurso de Viana e Bassi (2014), quando afirma que há muitas variantes em relação ao seu entendimento e concepção. Há tantos estilos e possibilidades. Neste contexto é notável a diversidade de estilos, formas, cores e elementos de figurinos, acessórios e cenários desenvolvidos pelo grupo.

Material e Métodos

A pesquisa foi norteada por autores referentes ao tema, também relatos do próprio diretor do grupo, imagens do acervo do grupo e fontes tais como revistas e jornal. Assim temos como material e métodos de pesquisa a bibliografia que perpassa as áreas de humanas, como também pesquisa *in loco*.

Resultados e Discussão

Podemos dizer que o grupo teatral Desencanto é considerado como relata Nogueira (2011, p. 36), “teatro em comunidade é um movimento social por si mesmo, faz parte dos movimentos sociais, se relaciona com outros que tem o mesmo objetivo”. Nesta conjuntura é notório que o grupo tem uma atuação teatral feita com relação a uma comunidade em particular com a cidade de Trindade, as circunvizinhas, vilarejos pequenos, sendo realizado por pessoas presentes nestas próprias comunidades.

Para além, podemos observar que o grupo também está inserido no conceito de teatro social, pois corresponde a um olhar futurístico, de desenvolvimento social e local da comunidade. Traz uma visão para a comunidade, trazendo reflexão dos aspectos sociais, econômicos e ambientais, destacados em seus roteiros de peças ou nas aulas de pintura, escultura, dança, etc. Significando trabalhar por meio de uma modalidades, tendo como foco: assuntos de interesses das comunidades envolvidas, relatado suas experiências, e vivenciando possibilidades de inclusão na sociedade. A comunidade é parte integrante do grupo Desencanto.

Como podemos verificar na imagem a fidelidade das expressões culturais da época, seja nas formas, cores, materiais ou representações simbólicas ou os próprios ritos apresentados.

Figura 01 – Encenação da via sacra



Fonte: Acervo do grupo desencanto - (Amarildo-2018)

Há uma analogia com a época, nesta figura podemos verificar que as vestimentas usadas pelos atores são semelhantes as vestimentas descritas em filmes, ou relatos bíblicos representativos da era. As cores, os tecidos, aviamentos, não são fiéis ao contexto em que se passa na atualidade.

Na imagem do Carnaval, as vestimentas são mais livres para o desenvolvimento do figurino, pois a escola trabalha com tema diferenciado a cada ano, geralmente reaproveitam quase tudo para o ano seguinte. Justamente por questões econômicas são necessários utilizar várias técnicas para aproveitar o velho e dar ressignificados para o novo.

Figura 02– Carnaval de Rua



Fonte: Acervo do grupo desencanto - (Amarildo-2018)

As fantasias, os figurinos e os cenários das apresentações são produzidos por eles mesmos e com o auxílio da comunidade, algumas vezes há apoio da

prefeitura, o grupo se desdobra para realizar seus trabalhos da melhor forma possível, com o empenho dos próprios participantes, ou seja, da comunidade envolvida.

Considerações Finais

Assim as performances realizadas pelo grupo estão em constante mudanças. Portanto, reconhecemos o aspecto essencial da cultura, que é a dinamicidade da criatividade humana. Vemos também que o grupo reinventa as redes de sociabilidades, rede esta emblemática para o estudo sobre identidades, religiosidades e cultura. Diante disso entendemos que o ser humano rearranja formas infindáveis de transformação de si e de seu meio, tudo isso entrelaçado com o social que também se ressignifica.

Aqui se tem então uma performance que é prática, como também representação de goianos de Trindade/Go, mas também podemos reconhecer outros lugares influenciando esta cidade. Tais como campos simbólicos, o próprio catolicismo, que por sua vez, vindo da Europa se mantém nessa cidade conhecida como capital da fé, do centro oeste goiano. São esses deslocamentos espaciais e temporais que tornam esse grupo (com sua atuação) algo tão importante para percebemos suas mudanças.

Referências

BRAGA, João. **Reflexos sobre Moda**. São Paulo: Amhembí Morumbi, 2006. V. 4.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 6º ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ECO, Umberto; LOMAZZI, Giorgio. **Psicologia do Vestir**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. Tradução Lea P. Zylberlicht. São Paulo: SENAC São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



HELLER, Eva, 1948-2008. **A psicologia das cores** : como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo : Gustavo Gili, 2013

LAVER, James. **A roupa e a moda**: Uma história concisa. São Paulo: Schwarcz, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: companhia das letras, 2003.

MONTEIRO, Giovani Siqueira. **O desenho como elemento gráfico na criação da roupa**. Belém, 2002. (Trabalho Conclusão de Curso) Educação artística, habilitação Desenho, Universidade da Amazônia.

MÜLLER, Florence. **Arte & Moda**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

NOGUEIRA, Marcia P.; DITTRICH, Mairelli. **Teatro União e Olho Vivo**: uma perspectiva de longo prazo de Teatro para Comunidades. Artigo Científico, 2011. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/cênicas/Marcia%20Pompeu-Maireli.pdf. Acesso em: 10 agosto. 2018

OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia. **Corpo e Moda**: por uma compreensão do contemporâneo. São Paulo: Estação das Letras e cores, 2008.

PALOMINO, Erika. **A moda**. São Paulo: publifolha, 2003.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Moda e Arte**: releitura no processo de criação. São Paulo: SENAC São Paulo, 2013.

SCHULTE, Neide Köhler. **Arte e moda**: criatividade. Moda palavra/ Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.48-56, 2002. Anual.

SVENDSEN, Lars. **Moda uma filosofia**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda**: planejamento de coleção. Brusque: D.Treptow, 1999

VIANA, fausto; MUNIZ, Rosane. **Diário de pesquisadores**: Traje de Cena. São Paulo: estação das letras e Cores, 2012.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.